

crer
é também
pensar

JOHN STOTT

crer
é também
pensar

A B U

EDITORA

CRER É TAMBÉM PENSAR

Categoria: Apologética / Evangelização / Vida cristã

Copyright © J. R. W. Stott 1972

Publicado originalmente por Inter-Varsity Press, Nottingham, Reino Unido

Título original em inglês: *Your Mind Matters*

Segunda edição: Março de 2012

Tradução: Paula Mazzini Mendes

Preparação e revisão: Mariana Furst

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stott, John W.

Crer é também pensar / John Stott ; [traduzido por Paula Mazzini Mendes] .

— 2. ed. — São Paulo : ABU Editora, 2012.

ISBN 978-85-7055-080-4

1. Fé e razão – Cristianismo 2. Vida cristã I. Título

12 – 02440

CDD – 248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Fé e razão : Cristianismo 248.4

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

ABU EDITORA

Av. Pedro Bueno, 1.831 – Parque Jabaquara

04342-011 São Paulo, SP

Telefone: 11 5031-6278



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

sumário



agradecimentos	7
prefácio à edição brasileira	9
prefácio à segunda edição	13
prefácio à primeira edição	17
1. cristianismo tolo	19
2. por que usar nossa mente?	25
3. a mente na vida cristã	43
4. trabalhando nosso conhecimento	71
notas	79

agradecimentos



Em nome da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e da ABU Editora, expressamos nossa gratidão à Editora Ultimato pelo apoio na publicação desta edição comemorativa dos quarenta anos do lançamento de *Crer é Também Pensar* (Your Mind Matters) na Inglaterra.

Em março de 2011 demos início a uma parceria institucional, a partir da qual a Editora Ultimato tem nos ajudado na distribuição e comercialização de nossos títulos. No entanto, para além destes aspectos um tanto práticos, percebemos conjuntamente outra motivação principal: a visão da literatura de qualidade como instrumento de libertação e crescimento, no apoio à missão da Igreja de Cristo em sua tarefa de viver e proclamar o reino de Deus. Essa edição especial que chega às suas mãos nasceu dentro deste contexto de parceria.

Creia e pense. Boa leitura!

Secretaria Executiva da ABUB
Março de 2012

prefácio à edição brasileira



“**V**ocê tem certeza? Isso não vai colocar em risco a sua fé? A universidade não é algo muito perigoso para um cristão sincero?”; “Se você conseguiu entrar nessa universidade é porque você é inteligente, mas como pode uma pessoa que pensa crer nessas histórias da Bíblia?”; “Você precisa pensar menos e crer mais!”; “Tenho certeza que, quando você começar a pensar de maneira séria, aos poucos vai abandonar essas crendices primitivas sobre Deus, Jesus e a Bíblia!” Frases como estas me foram ditas em um curto período de tempo, colocando-me numa experiência de “fogo cruzado”. De um lado, amigos da igreja preocupados com a minha possível perda da fé por ter entrado na universidade; de outro, os meus novos colegas de curso, surpresos

por verem um cristão num ambiente onde imperava uma forma materialista–dialética de ver a vida e tudo mais.

Diante de tantas surpresas, passei a me questionar se minha fé em Jesus Cristo e na Bíblia, como Palavra de Deus, implicava um suicídio intelectual. Ampliei estes questionamentos me perguntando se a maneira cristã de ver a vida teria alguma contribuição para a sociedade em geral. Busquei na memória aquilo que havia aprendido da história do povo de Deus, desde os tempos do Antigo Testamento, passando pela caminhada de Jesus na Palestina, o surgimento da Igreja, chegando até as histórias das missões modernas. Esta visão panorâmica me ajudou a ver que a integração entre o crer e o pensar sempre fora fonte de permanente tensão para os cristãos, tanto em relação a Deus como em relação ao seu entorno social. Foi assim no passado e é assim em nossos dias.

Foi uma tremenda descoberta quando vi a primeira edição de *Crer é Também Pensar*. Não podia imaginar o impacto que este livro viria a produzir em mim. Eu o li de forma ávida, repetidas vezes, até quase memorizá-lo. Meu exemplar, da primeira edição, se esfarelou em minhas mãos devido ao uso contínuo. As páginas ficaram multicoloridas porque, a cada leitura, eu marcava as frases com cores diferentes. Nas margens acabei “escrevendo outro livro” com minhas observações e ideias de aplicações possíveis da mensagem de John Stott. Não seria exagero dizer que devorei o livro! Tempos depois, tive a oportunidade de compartilhar com “tio John” – como aprendemos a chamá-lo, de forma carinhosa, no contexto do ministério estudantil – o impacto do livro na minha vida e na vida de muitos outros estudantes que, ao longo de mais de trinta anos, tive oportunidade de discipular. *Crer é Também Pensar*

era nosso guia nos primeiros passos para a formação de uma mente cristã.

Como disse anteriormente, entender que a fé não dispensa o uso da mente foi um desafio no passado e continua sendo em nossos dias. Isso se aplica a nossa relação com Deus, assim como a nossa relação com a sociedade. É de vital importância perguntar a uma igreja que segue em um ritmo acelerado de crescimento numérico o que significa este processo. Qual a contribuição de tal crescimento para a missão da igreja, seja em relação a sua proclamação, seja em relação a sua presença social? Algumas formas de misticismo têm crescido no meio da igreja, introduzindo novas formas mais sutis de idolatria, produzindo um esvaziamento da dimensão ética da fé, que é substituída por rituais mágicos para lidar com a realidade. Os que antes eram conhecidos como o povo do Livro agora se veem numa postura que confunde livre acesso à Escritura com livre interpretação da Escritura.

Nessa confusão não se faz justiça ao texto, nem ao contexto, muito menos ao chamado para uma fé que pensa e uma razão que crê. O resultado é uma elaboração de pretextos apresentados no tradicional esquema dos três pontos com uma pequena variação: agora se lê o texto, se esquece do texto e nunca mais se retorna ao texto. Temos o desafio de outras formas de leitura, que colocam o texto sob suspeita, mas não suspeitam de quem suspeita. Outros ainda pretendem exercer sobre o texto bíblico um controle tal, que se esquecem de que o maior desafio não é ler as Escrituras, mas ser lido por elas.

Deve ficar claro que a expressão “crer é também pensar” não sugere a possibilidade de uma fórmula capaz de tornar o evangelho palatável a uma geração que, encantada com

a inteligência dos cristãos, vejam reduzidas a dimensão de loucura e de escândalo da mensagem da cruz de Jesus Cristo. Fazer isso seria adulterar o evangelho para torná-lo quase inofensivo, uma muleta que se preste a ser suporte para o *status quo* vigente, uma ideologia a serviço de interesses outros, contrários aos valores e esperanças do reino de Deus, conforme anunciado por Jesus Cristo.

Não se trata de exaltar a mente em detrimento da fé, mas de torná-la discípula de Cristo, pois só assim entenderemos o que é um verdadeiro culto a Deus, com todo o nosso ser. Só assim será possível discernir a vontade de Deus, reconhecer a voz do bom pastor, compreender o real significado de uma vida de santidade e fazer um anúncio fiel ao evangelho, poder de Deus para salvação de todo aquele que nele crê.

Minha oração e esperança é que as novas gerações possam ser impactadas de forma tão intensa como a minha geração o foi. Que encontrem nas palavras deste livro um guia, um caminho, uma inspiração para manter em harmonia aquilo que Deus nunca colocou em oposição. Afinal, o que Deus uniu – fé e razão – não separe o ser humano!

ZIEL J. O. MACHADO

Pastor da Igreja Metodista Livre da Saúde (Concílio Nikei), em São Paulo.

Foi obreiro da Aliança Bíblica Secundarista, da Aliança Bíblica Universitária do Brasil e da International Fellowship of Evangelical Students por mais de trinta anos.

prefácio à segunda edição



O que John Stott almejava combater quando apresentou, em 1972, a palestra que se tornou este livro, era o anti-intelectualismo cristão. A mensagem era direcionada principalmente aos ritualistas que valorizavam o desempenho da igreja em vez do pensamento, aos ativistas ecumênicos que consideravam a reforma social uma substituta da doutrina e aos evangélicos pentecostais que absolutizavam a experiência em detrimento da reflexão. Como solução, Stott clamava por equilíbrio: que a reflexão profunda viesse ao lado do ritual, do ativismo e da experiência.

Ele expressou este clamor desenvolvendo os principais temas da Bíblia: Deus como criador, Deus como revelação, Deus como redentor e Deus como juiz. Essa visão bíblica

forneceu um embasamento para o uso da mente como dom de Deus e em serviço fiel a ele.

Com base neste raciocínio, Stott explora então as diversas formas como o pensamento diligente pode contribuir plenamente para a vida cristã – na adoração, fé, santidade, orientação, evangelismo e ministério. Stott mais uma vez expõe o próprio clamor utilizando as Escrituras para mostrar como o uso *cristão* da mente confirma a validade da atividade intelectual e garante que essa atividade seja realizada em prol do bem geral, para os outros e para Deus, em vez de ser algo vazio, voltado para si mesmo.

Nos primórdios do século 21, cada aspecto dessa mensagem bíblica é tão relevante para a realidade da igreja e da sociedade como o era na geração passada. Se algo precisa ser destacado, é que as pressões contra o uso da mente de forma cuidadosa, honesta e fiel, como aspecto essencial do chamado dos cristãos, estão mais fortes do que nunca. A maioria das comunidades cristãs, mesmo aquelas que alguma vez já se orgulharam de estar separadas do mundo, agora participam ativamente das diferentes formas de cultura popular. A vantagem dessa mudança foi o fim da separação artificial entre o secular e o sagrado e a oportunidade de dar aos valores cristãos uma chance de consagrarem a televisão, o rádio, o cinema, a música contemporânea, a internet e o iPod. O perigo tem sido a rendição ao sentimentalismo, ao emocionalismo imaturo, a confiança nos clichês e a impaciência com a argumentação embasada, os quais prevalecem tão intensamente no mundo da cultura popular.

Além disso, pelo menos nos Estados Unidos, o aumento da participação cristã na política também trouxe vantagens

e desvantagens. Conforme demonstram os exemplos, a participação política responsável de cristãos conscientes pode ser uma forma eficaz de servir ao reino de Deus. Porém, conforme demonstram outros exemplos, um partidarismo político inconsequente e ações políticas obstinadas e egoístas podem arruinar os cristãos envolvidos, bem como os parceiros seculares. O uso cuidadoso da mente está entre as primeiras perdas em tais excessos políticos.

Em um mundo onde a cultura popular e os conflitos políticos se uniram às razões religiosas existentes para evitar um esforço intelectual responsável, a mensagem bíblica de que “sua mente é importante” é mais relevante hoje do que quando foi apresentada pela primeira vez. Conforme John Stott desenvolve o tema, a Palavra de Deus explica claramente o que está em questão: “Levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo” (2Co 10.5). Como este livro relevante mostra, a Bíblia é repleta de tais admoestações. Stott quer que consideremos como esse aspecto do ensinamento bíblico, focando o caráter e a obra de Deus, trata também do uso verdadeiro de nossa mente.

MARK NOLL

Universidade de Notre Dame

prefácio à primeira edição



Ninguém deseja um cristianismo intelectual, frio e apático. No entanto, será que isso significa que devemos evitar o “intelectualismo” a todo custo? Será que o que realmente importa é a experiência e não a doutrina? Muitos estudantes, ao fecharem os livros, fecham também as mentes, convencidos de que o intelecto deve desempenhar uma pequena função na vida cristã – se é que desempenha alguma. Até onde eles estão certos? Para o cristão inspirado pelo Espírito, qual é exatamente o lugar do intelecto?

Essas são questões de vital importância prática. Elas afetam todos os aspectos da nossa fé. Até que ponto, por exemplo, devemos apelar para a razão das pessoas ao apresentarmos o evangelho? Será que a “fé” envolve algo completamente

irracional? Será que o senso comum tem alguma função na orientação cristã?

Foi pensando nessas e em outras questões que o reverendo John Stott apresentou o discurso presidencial sobre o lugar do intelecto na vida cristã, na Conferência Anual da Inter-Varsity, em 1972. Este livro traz o conteúdo completo deste discurso. Ele explica por que o uso da mente é tão importante para o cristão e como esse uso se aplica aos aspectos práticos da vida cristã. Ele faz um apelo para que os cristãos demonstrem uma “devoção fervorosa pela verdade”.

OS EDITORES

1

;

cristianismo
tolo



Temo que o que Paulo escreveu sobre os judeus incrédulos em seus dias possa ser dito sobre alguns cristãos de hoje: “Posso testemunhar que eles têm zelo por Deus, mas o seu zelo não se baseia no conhecimento”.¹ Muitas pessoas têm zelo sem sabedoria; entusiasmo sem inspiração. Em outras palavras, elas têm boa vontade, mas não fazem ideia do que está acontecendo.

Agradeço a Deus pelo zelo. Que o Senhor impeça que o conhecimento sem zelo seja substituído pelo zelo sem conhecimento! O propósito de Deus envolve ambos: o zelo dirigido pela sabedoria e a sabedoria motivada pelo zelo. Conforme ouvi o doutor John Mackay dizer quando era presidente do Seminário de Princeton: “Comprometimento sem reflexão

é fanatismo em ação; reflexão sem comprometimento é a paralisia de toda ação”.

A onda do anti-intelectualismo prevalece nos dias atuais. O mundo moderno produz pessoas pragmáticas para as quais a primeira pergunta sobre qualquer questão não é “isso é verdade?”, e sim “isso funciona?”. Os jovens tendem a ser ativistas, colaboradores dedicados a uma causa, mas sem refletir muito se tal causa é um bom ideal a ser seguido ou se a ação é a melhor forma de segui-la. Enquanto participava de uma conferência na Suécia, um graduando de Melbourne, na Austrália, soube que um protesto estudantil havia começado na universidade dele. “Queria estar em casa” – disse, lamentando. “Eu estaria lá. Para que é o protesto mesmo?”. Ele tinha zelo sem sabedoria.

Mordecai Richer, comentarista canadense, foi bastante enfático sobre esse tema: “O que me assusta nessa geração é o quanto a ignorância é a defesa dela. Se o não-saber perdurar por mais tempo, logo surgirá alguém dizendo ter descoberto... a roda”.²

Os cristãos católicos geralmente colocam uma forte ênfase no ritual e na *performance* apropriada dele. Esse tem sido pelo menos um feito comum no catolicismo, ainda que alguns católicos contemporâneos (influenciados pelo movimento litúrgico) prefiram o simples, para não dizer o austero. O cerimonial externo não deve ser desprezado, se ele é uma expressão clara e própria da verdade bíblica. O perigo do ritual é que ele facilmente se transforma em ritualismo, ou seja, em mera *performance* na qual a cerimônia se torna um fim em si mesma, um substituto sem sentido do louvor inteligente.